

Oportunidades e mobilidades de jovens pobres do Rio de Janeiro em relação à rua e a casa.

Savegnago, Sabrina Dal Ongar.

Cita:

Savegnago, Sabrina Dal Ongar (2018). *Oportunidades e mobilidades de jovens pobres do Rio de Janeiro em relação à rua e a casa*. 5tas Jornadas de Estudios sobre la Infancia, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/5jornadasinfancia/8>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/etvU/Ver>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

**EXPERIENCIAS, POLÍTICAS
Y DESIGUALDADES**

Buenos Aires, 15 al 17 de agosto de 2018

**OPORTUNIDADES E MOBILIDADES DE JOVENS POBRES DO RIO DE JANEIRO EM RELAÇÃO À
RUA E A CASA¹**

Sabrina Dal Ongaro Savegnago

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Neste trabalho, tomamos como foco a experiência de jovens pobres, habitantes de periferias urbanas do Rio de Janeiro, Brasil, em relação à rua e a casa. Destacamos as várias facetas que estes espaços-tempos assumem para os jovens e como estes se produzem nessa relação, tendo em vista o que nestes espaços limita e constrange suas mobilidades e oportunidades e o que se constitui como oportunidade para estes jovens. Participaram da pesquisa 51 jovens (25 meninas, 26 rapazes), estudantes de 9º ano do ensino fundamental, de duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, com idades entre 14 a 16 anos. Foram realizados três grupos de discussão, que ocorreram do formato de oficinas. Os jovens referiram inúmeros limites às mobilidades e situações inoportunas na rua, que compõem o que eles nomeiam como caos. Diante da imprevisibilidade negativa associada ao espaço da rua, o espaço doméstico é valorizado, principalmente por proporcionar a segurança que não pode ser encontrada na rua.

¹ Agradeço à comentarista Prof. Marina Farinetti e àqueles que realizaram devoluções que permitiram enriquecer o argumento deste artigo, durante a Mesa “Espacios, desigualdades y producción de infancia”, na ocasião das “Quintas Jornadas de Estudios sobre la Infancia”.

Introdução

Neste trabalho, as noções de oportunidade e mobilidade foram tomadas como lentes a partir das quais foi analisada a relação entre os jovens e os diversos espaços-tempos por onde circulam, com foco principal nos espaços da casa e da rua. A mobilidade, como parte do processo de como nos engajamos com o mundo (Skelton, 2013), se constitui em uma prática social de deslocamento através do tempo e do espaço, que possibilita o acesso a atividades, pessoas e lugares. Trata-se de uma ação que não se reduz à locomoção, ao movimento como trajeto que liga dois pontos, mas envolve, além das dimensões espaciais e temporais, aspectos corporais, simbólicos e afetivos, desigualmente vividos, em relação com a classe, o gênero, a idade, a etnia, o território, entre outras dimensões de desigualdade e diferença. A mobilidade dos sujeitos também possui uma dimensão relacional, uma vez que se torna compreensível na medida em que depende de (e/ou dela dependem) outras pessoas, atividades, meios e objetos (Chaves et al., 2017; Gough, 2008; Skelton, 2013).

Mover-se entre os locais pode fornecer oportunidades de encontros sociais que fazem parte dos complexos processos de tornar-se sujeito. Na cidade globalizada contemporânea, onde encontros facilitados pela mobilidade podem aumentar a mobilidade social através da atribuição de capital social e cultural. Por outro lado, tais mobilidades também podem oferecer àquele que se move indesejáveis encontros de confronto, medo ou perigo; suas mobilidades sociais podem ser ameaçadas, frustradas ou transformadas (Skelton, 2013).

Consideramos oportunidade uma situação sentida pelo sujeito como favorável, que o move e o conduz para algum lugar. É algo que é percebido como tendo valor no aqui e no agora, mas que pode também repercutir de forma favorável no depois.

A origem da palavra oportunidade² remete à antiguidade romana, na qual Portunus era considerado o deus das chaves, das portas e, posteriormente, dos portos. Seu nome vinha de *portus*, relacionado com porta, o ponto de passagem para um aposento, para outro lugar. De *ob-*, significando para, em direção a, e *Portunus*, se fez *opportunus* – o que empurra para o porto, ou seja, vento favorável, que move em direção a algo. O adjetivo latino *importunus* (que ecoa no termo inoportuno, em português) foi utilizado para descrever as ondas e o clima desfavoráveis e os ventos contrários, que tiram o navio da direção do porto. Já o *ob portus*, vento oportuno, era apreciado pelos romanos por levar o

² Do livro “Qual é a tua obra?”, de Mário Sérgio Cortella. Origem da palavra “oportuno”. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/oportuno/> Acesso em: 2 set. 2017.

navio em direção ao porto. O porto ou a porta impedem que se fique isolado, ilhado ou sem alternativa. Por isso, a oportunidade é aquilo que move, que tira do mesmo, pois o porto ou uma porta (aberta) possibilita movimento, entradas e saídas.

A oportunidade pode ser agenciada pelo próprio jovem, no sentido de que há uma busca para achar aquilo que se quer e oportunizar para si o que se deseja; ou pode ser da ordem do fortuito, ou seja, “encontrada” a partir de uma mobilidade que não tem um direcionamento, um intuito específico, ou seja, quando o jovem apenas se move à espera que algo favorável aconteça.

Neste trabalho, tomamos como foco a experiência de jovens pobres, habitantes de periferias urbanas do Rio de Janeiro, em relação à rua e a casa. Consideramos as várias facetas que estes espaços-tempos assumem para eles e como se produzem nesta relação, tendo em vista o que nestes espaços-tempos limita e constrange suas mobilidades e oportunidades, e o que se constitui enquanto oportunidade para estes jovens.

Método

Realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo, junto a 51 jovens (25 meninas, 26 rapazes), com idades entre 14 a 16 anos, estudantes de 9º ano do ensino fundamental, de duas escolas públicas municipais (Escola 1 e Escola 2) do Rio de Janeiro, localizadas na Zona Central da cidade. A maioria dos jovens pertencia a famílias de baixa renda, o que pôde ser inferido a partir das falas dos próprios jovens e de professores e funcionários das escolas, bem como através das informações sobre local de moradia e ocupação e escolaridade de seus pais ou responsáveis. A precariedade econômica é apenas um dos vários aspectos que define a pobreza desses jovens. Trata-se de uma condição social na qual estão imersos a despeito de sua vontade e que está ligada, dentre outros elementos, ao enfrentamento cotidiano de situações de exclusão no acesso às oportunidades e aos direitos colocados como iguais para todos na sociedade.

Ao longo do trabalho de campo, foram realizados três grupos de discussão (Grupo 1 – G1 e Grupo 2 – G2, realizados na Escola 1 e Grupo 3 – G3, na Escola 2), que ocorreram no formato de oficinas. As oficinas tiveram um número médio de 12 participantes por encontro, tendo no mínimo oito e no máximo 16 jovens. Foram realizados sete oficinas com o grupo 1, oito oficinas com o grupo 2 e 10 oficinas com o grupo 3, totalizando 25 encontros.

As oficinas foram divididas em cinco módulos (1 - Da casa para a escola; 2 - Da escola pra casa; 3 - De casa para outros lugares; 4 - Lugares bem longe de casa; 5 - Conversando sobre oportunidade), nos quais foram propostas algumas atividades, como a criação de desenhos, maquetes e histórias, que foram utilizados como recursos auxiliares para motivação, imaginação e discussão. Apenas os módulos 1 e 2 serão aqui detalhados, por estarem mais relacionados às questões discutidas neste artigo.

A atividade “De casa para a escola” consistiu na criação, em grupos de 3 a 5 pessoas, de um desenho-história que mostrasse como seria o trajeto de casa para a escola de um(a) jovem como eles. As seguintes perguntas, destacadas em um cartaz, foram utilizadas como guia para a criação da história: Como esse(a) jovem vai à escola? O que acontece nesse trajeto? O que ele(a) faz? Quem encontra? Com quem fala? O que vê? Como se sente? Do que mais gosta? Algo especial acontece? O que ele(a) gostaria que acontecesse nesse trajeto? Além disso, foi proposto que os(as) jovens incluíssem na história elementos sobre a chegada dessa personagem na escola e descrevessem situações que costumam acontecer na escola. Na atividade “Da escola pra casa”, os participantes foram convidados a contar, através de um desenho individual, a história de um(a) jovem como eles que realiza o trajeto da escola para casa. As mesmas questões-guia apresentadas na atividade “De casa para escola” foram utilizadas para balizar a história do percurso escola-casa.

Os encontros foram gravados e transcritos, e foi realizado o registro fotográfico dos desenhos produzidos durante as oficinas, para posterior Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Além das oficinas, foram realizadas observações participantes em ambas as escolas, as quais foram registradas em diários de campo. Buscando manter o anonimato dos jovens, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios ao longo do texto.

Algumas discussões tomaram certa força nas narrativas dos jovens e, a partir das análises, foram organizadas em torno das seguintes categorias: (1) *o que a rua oferece de (in)oportuno aos jovens* e (2) *a segurança da experiência doméstica em contraposição ao caos da rua*, as quais serão apresentadas e discutidas na seção a seguir.

Resultados e discussão

O que a rua oferece de (in)oportuno aos jovens

A partir do campo empírico, foi possível observar que, em suas mobilidades, principalmente no caminho de casa para a escola e da escola para casa, os jovens participantes são

confrontados com o pior da cidade –o egoísmo, o desrespeito, a falta de amor e solidariedade, a miséria, a agressividade, a violência e a insegurança. Elementos que compõem o que os participantes do G3 nomearam como “**caos**”. No encontro com o caos da experiência urbana, os jovens se deparam com poucas garantias e muitas imprevisibilidades. A fortuidade que caracteriza tais mobilidades aparece quase sempre com um caráter negativo e inoportuno.

Brenda: O que ela [a personagem] vê é **pobreza** e... ignorância das pessoas... e **caos!** (...) Cada um encontra um caos diferente quando vem pra escola. (...) A vida é um caos. E ao redor da escola ela é um caos. O caminho, as pessoas, passando fome, pedindo... que sofrem... a **violência**. (G3, 1º encontro)

Os jovens também referiram que, nestes deslocamentos pela cidade, sempre existe a possibilidade de algo acontecer repentinamente (tiroteios, roubos, atropelamentos), o que provoca uma sensação de insegurança, ou até mesmo a restrição de suas mobilidades.

Pesquisadora: E assim... alguma coisa acontece nesse caminho de diferente, de especial?

Clara: Só quando tem Bope³ no morro.

Jaqueline: Se eles encontrar os garotos vai dar tiro, aí a gente tá no meio de tiro...

Clara: E às vezes não dá pra vir pra escola quando dá tiro lá em cima. (G3, 3º encontro)

A partir das mobilidades que o sujeito realiza na cidade, o imprevisível e o incontrolável do convívio entre os diferentes são suscetíveis de serem vividos e experimentados. Em relação a este aspecto, os jovens destacaram a vivência de tensões e dificuldades no encontro com o outro na cidade. Eles relatam estas tensões tanto a partir do que observam ao moverem-se na cidade, quanto a partir de vivências próprias, que os afetam de forma mais direta.

Os jovens do G3, por exemplo, pontuaram desde o primeiro encontro seu incômodo diante da hostilidade nas relações entre os sujeitos, presenciadas durante seus deslocamentos pela cidade. O egoísmo, desrespeito e o distanciamento afetivo foram os elementos mais destacados.

³ Batalhão de Operações Policiais Especiais, da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

Raiane: Eu quero representar a **falta de amor** que eu vejo no dia a dia... (G3, 1º encontro). Aí você vê as pessoas mal educadas, desonestas com o próximo. E não tem amor próprio, elas são... **elas só estão pensando nelas mesmas** (G3, 2º encontro). Eu não vejo nada de diferente, eu só vejo pessoas, mendigos na rua, muitos carros, muito trânsito. Eu não vejo nada assim de imaterial, um sentimento, um valor através de pessoas. É só isso que eu vejo, é muito chato (G3, 5º encontro).

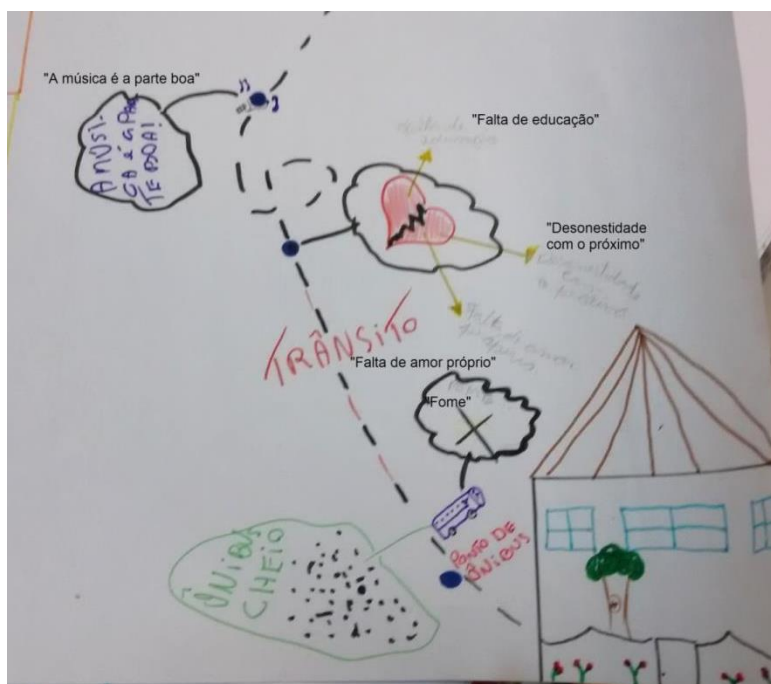


Figura 1: De casa para a escola (Raiane, G3).

Estes aspectos que permeiam relações interpessoais na cidade, sinalizados pelos jovens, vão ao encontro de algumas ideias de Kuster e Pechman (2014a), que assinalam que nos últimos anos vem ocorrendo em nossas cidades uma diminuição da solidariedade e, conseqüentemente, um aumento da intolerância. Vem sendo trilhado um percurso inverso ao realizado até então, “que havia sido composto por acordos estabelecidos entre todos que dividiam e necessitavam compartilhar o espaço urbano” (p. 12). Tais acordos conferiam um mínimo de garantia à existência da cidade, com suas diversidades. No entanto, à medida que o papel destes acordos retrai, obscurecido pela insegurança, pelo medo, pelo individualismo e pela violência, o espaço urbano vem sendo cada vez mais marcado pela intolerância e pelo resguardo individual.

Ao esbarrar ou se aproximar deste outro, diferente, estranho em suas mobilidades, este encontro muitas vezes pode ser inoportuno, uma vez que os jovens experimentam diversos constrangimentos e sentem na pele os preconceitos e a imposição de barreiras reais e simbólicas às suas mobilidades no espaço urbano. Neste sentido, o local de moradia, a raça, o gênero, a classe social, o estilo, a aparência, a forma de vestir e o fato de ser aluno de escola pública –o que é identificado pelo uso do uniforme escolar– foram apontados pelos jovens como fatores que se tornam fonte de estigmas e preconceitos e, desse modo, além de constrangê-los subjetivamente, podem contribuir para a restrição real de suas mobilidades na cidade.

A questão da revista policial, realizada de forma arbitrária e desrespeitosa, baseada em determinados estereótipos, foi muito recorrente nas discussões durante as oficinas. Logo no primeiro encontro com os jovens do G3, essa questão veio à tona quando foi proposta a criação de um desenho-história de um jovem que faz o trajeto de casa para a escola.

Giovana: A gente podia fazer uma garota que quando ela vem pra escola, a polícia pára ela e um cara revista ela. Sabe que isso acontece! Um policial revista ela, ela não faz nada porque ela não sabe...

Pesquisadora: Vocês já passaram por uma situação dessas? Ou conhecem alguém que já passou?

Jaqueline: Ele passou [apontando para André].

Giovana: Ele passou, de ser abordado.

André: Eu. Na porta de casa.

Pesquisadora: E como é que foi?

André: É... muito constrangedor! Várias vezes isso... **É pela área que a gente mora**. Várias vezes, é **constrangedor**. Tipo assim, no meio da rua, várias pessoas passando e tu sendo revistado. É uma coisa muito ruim... (G3, 1º encontro, grifos nossos)

Quase metade dos jovens participantes do G3 já havia passado ao menos uma vez por uma situação de revista policial. É importante ressaltar que todos eles eram moradores de favelas e que, por outro lado, todos os jovens deste grupo que não relataram terem sido revistados por policiais não residiam em favelas. Além da questão do local de moradia, os jovens relacionaram este tipo de ação policial com o preconceito relacionado à cor da pele, ao estilo e à forma de se vestir de certos jovens.

Giovana: Se for um pouquinho **diferente**...

Pesquisadora: Diferente como?

Giovana: O André, por exemplo, que você conheceu. Ele tem um **estilo todo largado**, ele anda de chinelo, bermuda, boné... ele é muito largado. Aí ele já me contou que uma vez um policial abordou ele só por causa da **roupa** dele, porque pensou que ele era bandido. Aí ele mostrou a identidade, ele sempre anda identificado, ele mostrou a identidade dele e o cara viu que ele não tinha nada. Só que abordaram ele só pelo jeito dele. (...)

Jaqueline: “Ele tem cara de bandido...”.

Giovana: “Ele tem cara de bandido, vamos lá revistar”.

Luana: Meu amor, quem vê cara, não vê coração...

Giovana: Ele não pode julgar o cara só pelo rosto ou pelo que ele parece fazer.

Clara: **Ou pela cor dele**... (G3, 3º encontro, grifos nossos)

Neste estudo foi possível observar, a partir dos relatos dos jovens, a produção de diversos constrangimentos a partir dos espaços, onde barreiras reais e simbólicas se impõem àqueles que não são bem-vindos e são produzidas estratégias de afastamento dos “indesejáveis”, dentre os quais se situam principalmente os jovens pobres, e de isolamento e contenção de territórios considerados perigosos. Ou seja, nega-se aos mais pobres o direito ao pleno acesso e ao uso da cidade (Dimenstein, Zamora, Vilhena, 2004; Lannes-Fernandes, 2014; Saraví, 2014).

A aversão social às favelas e a seus moradores não é necessariamente explícita, mas pode se manifestar em mecanismos sutis de controle e contenção socioespacial daqueles que são “indesejáveis” (Lannes-Fernandes, 2014). O controle relaciona-se à dimensão mais material dos mecanismos de exercício do poder, ou seja, aos procedimentos que estabelecem fronteiras físicas, barreiras e proibições ao acesso, afetando assim a mobilidade espacial. Já a contenção diz respeito aos procedimentos relacionados ao estabelecimento de fronteiras simbólicas e à produção de constrangimentos. Desse modo, o sujeito não precisa necessariamente ser impedido fisicamente de acessar determinado lugar, mas a acessibilidade pode ser dificultada a partir da existência de impedimentos simbólicos, geralmente baseados em valores estéticos e comportamentais, que inibem a presença e a participação de determinados indivíduos em determinados espaços. No Rio de Janeiro, as estratégias de afastamento simbólico e corpóreo vêm se acentuando nos últimos anos

devido ao medo e à aversão social provocados pelo quadro de violência urbana e criminalização da pobreza (Lannes-Fernandes, 2014).

Considerando as diversas discriminações, restrições ao deslocamento e desigualdades vivenciadas pelos jovens pobres em suas mobilidades na cidade, nos questionamos se estes jovens ainda conseguem vislumbrar oportunidades em suas experiências e mobilidades no espaço urbano.

O aspecto oportuno que mais se destacou entre os jovens participantes foi a possibilidade de desfrute, entretenimento e convívio com os pares que a mobilidade pela rua lhes oferece.

Pesquisadora: Acontece alguma coisa especial nesse caminho?

Samara: Não, só quando eu desço com as meninas, com a J. ou com a B., ou a M. A gente desce zoando, conversando... (G1, 2º encontro)

Os participantes do presente estudo também referiram que, nestes percursos pela rua, é possível encontrar os pares para conversar, namorar, zoar, lanchar, ou até para “fazer nada”. Não parece ser conferido um sentido negativo a esse tempo de “fazer nada”. Esse tempo em suspenso parece ser acompanhado de prazer e fruição.

Mariana: Eu gosto de ficar em casa, na rua...

Laís: Vagabundear é a melhor coisa...

Pesquisadora: Ah é? Onde que é bom vagabundear?

Laís e Roberta: Na rua.

Mariana: Na escada dela... (M)

Pesquisadora: Escada?

Mariana: Onde sobe pra casa dela (M) tem uma escada. A gente gosta de ficar lá. (G1, 1º encontro)

Outro aspecto evidenciado nas oficinas foi que o trajeto dos jovens de casa para a escola ou da escola para casa não se realiza sempre de forma retilínea, mas podem ocorrer perambulações que desviam do caminho comumente realizado, por conta de distrações com os amigos, ou ainda devido à ocorrência de algo inesperado.

Luana: Às vezes eu encontro alguns amigos, às vezes eu vou pra um lugar diferente. Não daqui pra casa e sim pra outros lugares (G3, 4º encontro).

Segundo Skelton (2013), podemos falar em mobilidades que são necessárias e obrigatórias, como a de casa para a escola, e em outras mobilidades relacionadas ao prazer e lazer ligado às sociabilidades, tais como aquelas destinadas às atividades esportivas, para ver os amigos, para passar um tempo fora de casa, por exemplo. Podemos observar a partir relatos dos jovens que estes dois tipos de mobilidades não são opostos, uma vez que as mobilidades necessárias de casa para a escola e da escola para casa podem ser também mobilidades relacionadas ao lazer e à fruição junto aos pares.

A rua como um lugar de encontro com o outro, que em algumas situações pode oportunizar o contato com novas experiências, também foi um aspecto mencionado pelos jovens, como pode ser visualizado no trecho a seguir, que traz uma “história sobre oportunidade”, criada de forma coletiva pelos participantes do grupo 1.

Pesquisadora: Um jovem do 9º ano pegou o ônibus ali na rua x [rua próxima à escola 1] e foi pra algum lugar.

Samara: Entrou no ônibus e foi.

Pietro: Chegando nesse lugar ele encontrou uma garota.

Gleice: Ela era da turma dele.

Caio: E ela disse pra ele que estava fazendo um curso.

Rosana: E ele ia junto com ela pra esse curso.

Laís: Esse curso deu a oportunidade deles fazerem faculdade. (G1, 7º encontro).

Este outro pode ser um amigo que fala sobre a possibilidade de entrar em contato com algo que interessa ao jovem, ou que o leva junto para experienciar algo diferente, que posteriormente pode ser sentido e reconhecido como uma oportunidade. Este outro também pode ser alguém que aposta no jovem, que vê nele um potencial e investe nisso.

Mover-se pela cidade, mesmo dentro da comunidade, também pode levar ao contato com alguma oportunidade que remeta o jovem para algo e algum outro lugar, além do presente imediato. Foi o caso de Milena, que contou que durante a semana fazia um curso de Operadora de Computador, no Senai da Tijuca. Ela disse que tinha interesse em fazer um curso nessa área, e sempre passava na associação de moradores de sua comunidade para

procurar alguma informação. Certo dia, viu um cartaz afixado na porta da associação, que informava sobre algumas possibilidades de cursos gratuitos, dentre eles este que era do seu interesse.

A partir do exposto até o momento, foi possível observar que, para estes jovens, a mobilidade no espaço público parece possibilitar boas experiências, bons encontros e oportunidades, mas também, e principalmente, pode envolver constrangimentos e limitações às mobilidades. Além disso, os jovens apontam que a rua é marcada pelo caos e pela total insegurança e imprevisibilidade. Neste sentido, frente a esta experiência de imprevisibilidade negativa que muitas vezes é associada ao espaço-tempo da rua, o qual pode ser sentido pelos jovens como hostil e inoportuno, outro espaço-tempo acaba sendo visto como um refúgio e revestido de importância e valor: a casa.

A segurança da experiência doméstica em contraposição ao caos da rua

A casa foi referida por vários jovens como um lugar bom para se estar, onde se pode desfrutar de algumas atividades que envolvem descanso, lazer e distração, como assistir filmes e séries, utilizar o celular, navegar na internet, jogar vídeo game, escutar música e dormir. Heitor, por exemplo, diz que no fim de semana permanece a maior parte do tempo em casa, onde ele gosta de estar, pois “lá tem tudo o que ele precisa: sinal de wifi, cama, comida e água” (G3, 5º encontro). Além de Heitor, vários outros jovens destacaram a atração exercida pelo espaço da casa.

Guilherme: Quando eu chego em casa, é fogos de artifício, é maravilha! Dá mortal duplo carpado, pulo na cama. Aí ligo o computador... é magia, felicidade, amém! (Figura 2) (G3, 4º encontro).



Figura 2: “Quando chego em casa” (Guilherme, G3).

Também foi possível observar diferenças de gênero em relação às atividades realizadas em casa. Enquanto os meninos raramente se referiram à ocupação com tarefas domésticas, para muitas das jovens chegar em casa significa assumir a responsabilidade pelo cuidado dos irmãos e pelas tarefas domésticas, principalmente nos casos em que suas mães ou responsáveis trabalham fora de casa. Este aspecto também foi evidenciado pelo estudo de Nascimento (2013) com jovens de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Luana: Aí eu chego em casa, aí a casa tá uma zona... Aí eu tenho que arrumar a casa, que as minhas irmãs são muito bagunceiras. Quando a gente sai de manhã, a gente deixa tudo bagunçado. Depois disso, por exemplo, hoje eu vou levar a minha irmã no ballet, depois vou voltar pra minha casa, vou mexer no celular. Ai, é muito viciante!! [Risos]. Quando der 19:30, 19:45, eu busco elas no ballet... Depois vou ficar lá em casa gritando com elas porque elas são muito bagunceiras. Aí, só! Espero minha mãe chegar. Aí tem dias que ela faz a comida, quando ela não tá muito cansada, aí tem dias que eu faço. E tu, Joyce, o que tu faz no teu dia a dia?

Joyce: Hoje eu vou chegar, provavelmente vou ajudar a minha mãe a arrumar em casa, enquanto ela limpa a área. Aí depois disso eu vou pro teatro, e depois do teatro eu vou voltar pra casa, comer e ficar lá, né. (G3, 1º encontro).

Pesquisadora: E o que ele [personagem] faz em casa?

Adriana: Se for um menino, nada. Se for uma menina, arruma a casa. (G2, 3º encontro)

Além de ser um lugar onde grande parte dos jovens referiu poder realizar atividades que gostam e que os distraem, relacionadas ao desfrute do agora, em termos de projetos a casa foi apontada por um pequeno número de jovens como um espaço onde é possível dedicar-se aos estudos e à preparação para algo relacionado a um depois. No fim de semana, por exemplo, Raiane (G3) se divide entre aproveitar o momento do agora, divertindo-se e descansando, e estudar para concursos.

Raiane: Nos finais de semana eu estudo, não coisas de escola, mas coisas pra concurso, pra poder passar. Faço tudo o que pra mim me deixa feliz. Ver filmes, ouvir músicas, sair pra bosques, parques e jardins, e ficar com uma pessoa que eu gosto muito. (...) Nos finais de semana é legal porque eu me dou o direito de não fazer nada. Eu fico sem fazer nada se eu quiser, mas se eu não quiser eu faço. E eu me sinto leve com isso, porque dia de semana eu já faço muita coisa (G3, 5º encontro).

Como afirma Castro (2004), o estudo no espaço da casa pode remeter à antecipação do que ele pode significar para o jovem, além do momento silencioso e solitário. Ele se realiza na permanência da casa, em um presente que ancora o futuro, ou seja, no presente que pode ser tanto movimento em relação ao depois e a outros lugares, quanto permanência no hoje, no sentido de preparar o sujeito para o movimento. Ele implica em uma “construção de si introspectiva, silenciosa e dirigida a um *outro lugar* que não a casa, mas àquilo que pode ser obtido com o estudo – “um lugar ao sol” na cidade competitiva, um trabalho no tempo ulterior” (Castro, 2004: 43).

Desse modo, para alguns jovens, a casa se constitui em um espaço-tempo em que é possível “ficar mais introspectivo”, como afirma Raiane, pensar na vida e no que se deseja, planejar algo, mesmo que seja a curto prazo, ou seja, um espaço onde é possível encontrar-se consigo mesmo. Nestes casos, podemos verificar exemplos de como a imobilidade também pode oportunizar. Ou seja, mesmo na permanência na casa, para alguns jovens é possível deslocar-se subjetivamente e imaginariamente para outros lugares.

Assim, seja como espaço onde é possível aproveitar o aqui e o agora ou planejar o amanhã, foi possível constatar que, para os jovens, a casa parece ser um lugar diferente do espaço da rua. Em relação a este aspecto, destacamos o estudo realizado por Castro (2004),

com crianças e jovens do Rio de Janeiro, que mostra uma experiência doméstica diferente da vivenciada pelos jovens do presente estudo. Para os participantes do estudo de Castro, o espaço da casa não é associado ao entretenimento, prazer e à mobilidade, é um lugar com poucas opções de coisas para fazer, além das tarefas e obrigações, e que costuma estar despovoado de pessoas durante o dia, o que torna a experiência doméstica solitária em grande parte do tempo.

Por outro lado, para os jovens do presente estudo, em casa é possível experienciar entretenimento e fruição, além de mobilidades virtuais, principalmente através do acesso à Internet, pelo celular e/ou computador. Apesar de a casa estar pouco povoada durante o dia, isto não foi referido como algo negativo pelos jovens, uma vez que a Internet pode possibilitar o contato virtual com os pares. Mesmo considerando que a pesquisa aqui retratada envolveu apenas duas escolas, enquanto o estudo “Aventura Urbana” (Castro, 2004) teve uma abrangência muito maior, chama atenção a diferença em relação a alguns aspectos entre ambas as pesquisas, por mostrar que, mesmo em um espaço de tempo curto entre uma pesquisa e outra, os resultados diferentes parecem indicar uma mudança no cenário social e nos modos de subjetivação. Em relação a estas transformações, podemos considerar que, em 2004, ano da publicação da pesquisa de Castro, a Internet não ocupava um papel tão importante na vida de muitos jovens e que, nos últimos anos, houve um aumento significativo da violência no espaço urbano. Isto nos mostra que estamos vivenciando profundas transformações nas relações sociais, que alteram significativamente as formas como nos produzimos enquanto sujeitos.

Neste sentido, quando questionados sobre o que havia de bom e atrativo em casa, a maioria dos jovens mencionou a possibilidade de acesso à internet através do computador e/ou dos celulares. Desse modo, eles parecem valorar positivamente o espaço-tempo casa principalmente pela mobilidade virtual que pode ser realizada na permanência neste espaço, bem como pela segurança que não pode ser encontrada na rua.

As mobilidades virtuais, realizadas principalmente no espaço-tempo da casa, ocupam um lugar significativo na vida de muitos destes jovens. Diante da crescente necessidade de proteger-se do outro, o advento das novas tecnologias surge como uma possibilidade de interação com os demais que dispensa os aspectos físicos do encontro interpessoal e mantém o sujeito dentro de certa bolha de segurança. Assim, “a aventura agora estaria na Internet e não mais na cidade” (Kuster, Pechman, 2014b: 194).

No passado, a casa era sentida muitas vezes como um lugar pouco atraente ao jovem, por ser associada ao tédio, à monotonia e ao “sempre igual”, enquanto a rua, apesar do receio da novidade, exercia maior atração e fascínio por oferecer possibilidades de trocas e descobertas. Hoje, estas possibilidades podem ser acessadas através da Internet, que muitas vezes está disponível para os jovens no espaço da casa. Além disso, observa-se que a antiga atração exercida pela rua parece ter dado lugar ao receio de encontrar-se com o outro e à sensação que acompanha cotidianamente qualquer morador de uma cidade grande: a necessidade de proteção (Kuster, Pechman, 2014b).

Em relação à questão da segurança, para alguns jovens a chegada em casa vem acompanhada de uma sensação de alívio e proteção, após a vivência de situações tensas em seus trajetos pela cidade.

Pesquisadora: E como tu te sente quando chega em casa?

Giovana: **Aliviada**. É bom chegar em casa sabendo que eu não fui assaltada ou estuprada... (...). É o que eu mais tenho medo quando chego no meu bairro... Eu fico com medo porque eu vejo muito motoqueiro passar e eu tenho quase certeza que a maioria deles é bandido, porque eles passam muito rápido, sem camisa, sem capacete e sem a sinalização do moto táxi. Eu vejo muitos caras andando sem nada, então eu já sei que são bandidos e fico aliviada quando eles não param e fazem nada comigo e com meu irmão. Eu sempre fico aliviada quando a gente chega em casa e a gente chegou bem, tanto eu quanto ele.

Brenda: Eu também vejo muita poluição de carros, motos, caminhões, ônibus... isso faz mal pra mim. Aí eu vou pra casa, trato a minha bronquite... e eu me sinto **aliviada** porque eu tô em casa, tô **segura**...

Heitor: **Em paz**... (G3, 4º encontro, grifos nossos)

Neste caso, estar seguro equivale a estar em casa, nutrido e sem riscos, longe dos perigos da rua. Assim, “sair de casa” -de forma literal e metafórica-, pode significar o abandono de um estado de segurança para se entrar em contato com as tensões da vida em comum (Castro, 2013).

Cabe salientar também que a visão de pacificação, alívio e proteção que a casa oferece não foi vista de forma geral entre os jovens. Em alguns casos, as relações que se estabelecem no espaço doméstico, sobretudo com os adultos, foram referidas pelos jovens como inoportunas, seja pela falta de amparo e acolhimento por parte dos adultos, ou por

serem relações que, ao invés de os moverem em direção ao que pode ser oportuno, criam barreiras.

Considerações finais

A partir do campo empírico realizado junto aos jovens, foi possível observar que a casa e a rua evocam afetos diferentes. Enquanto a casa evoca principalmente o imaginário da proteção, acolhimento e abrigo, frequentemente a rua traz à tona o temor e a angústia, pois, ao mesmo tempo em que oferece aventuras, apresenta perigos (Castro, 2004). Em casa, o sujeito não se expõe ao “caos” da rua, mas também não se expõe ao contato com o desconhecido e não-familiar, ao que a rua pode oferecer de desafiador e oportuno. No entanto, nas falas da maioria dos jovens participantes, parece que o perigo e os constrangimentos que a rua representa e a proteção que a casa oferece se sobrepõe ao que a rua pode oferecer em termos de contato com novas experiências e possibilidades.

A mobilidade destes jovens na rua é marcada por inoportunidades de toda ordem. A ideia de “caos” associada à experiência urbana foi fortemente destacada pelos jovens. O caos barra o movimento e impossibilita o acesso ao que pode ser oportuno, pois o sujeito não consegue se organizar subjetivamente. Um cenário de caos é excessivo, neste sentido remete àquilo que é traumático, ou seja, àquilo que o sujeito não consegue dar conta, simbolizar e assimilar com seus próprios recursos psíquicos. Assim, o encontro com caos e com seu componente traumático, provoca no sujeito o sentimento de impotência e desamparo. Mover-se pelas ruas dessa cidade caótica é um desafio diário enfrentado por estes jovens, uma vez que são diversos os constrangimentos e embaraços vivenciados por eles em suas mobilidades na cidade.

Cabe salientar que, apesar dos constrangimentos e tensões das vivências na rua, estes jovens não estão totalmente fixados, imóveis e reclusos em casa. Eles ainda ocupam espaço da rua, mesmo que de forma limitada ao convívio com seus iguais, com os que lhes são familiares.

Neste sentido, a rua parece ser experimentada pelos jovens como espaço de encontro quase que exclusivamente em relação àqueles que se conhece e confia. Não parece ser oportunizada como um espaço público e coletivo, no sentido de que exista a possibilidade de um convívio com a diferença. Isso nos leva a questionar até que ponto estas mobilidades

junto aos iguais oportunizam, no sentido de realizarem um deslocamento subjetivo significativo.

Diante do caos da rua, a retração para o interior do espaço doméstico pode ser uma retração pacificadora, conforme apontado pelos jovens, no sentido de proporcionar uma sensação de maior segurança, por exemplo. No entanto, pode colocar o sujeito numa posição muito mais apática e imobilizada. Assim, podemos questionar ainda que oportunidade é esta que a casa apresenta, uma vez que, apesar da mobilidade virtual proporcionada pela Internet, de alguma forma a experiência doméstica muitas vezes não move o sujeito a algum outro lugar, concretamente falando. Ou seja, se associarmos mobilidades e oportunidades, ficar em casa pode significar ficar parado/imóvel e talvez não oportunizar.

De acordo com Veloso e Santiago (2017), o enclausuramento impossibilita um dos aspectos mais fundamentais da cidade: o encontro. O espaço urbano possui uma potência que está muito associada aos encontros entre diferenças que nele ocorrem. Esses encontros possibilitam diálogos, embates, articulações, trocas, fundamentais na constituição da vida pública. Quando os sujeitos se enclausuram em suas casas, seja por experiências de constrangimento no espaço público, seja por temor à violência, os diferentes não se encontram e há um enfraquecimento da possibilidade de cidadania.

Por outro lado, precisamos considerar que a mobilidade nem sempre está diretamente associada à oportunidade e que a imobilidade nem sempre está relacionada à fixidez e à não oportunização. Quando pensamos na imobilidade no sentido de uma permanência, esta pode também oportunizar, uma vez que além de possibilitar movimentos imaginários, pode oferecer um sentido de estabilidade e continuidade que oferece sustentação ao processo construção de si.

Referências bibliográficas

- Bardin, Laurence, *Análise de conteúdo*, Lisboa, Editora 70, 2011.
- Castro, Lucia Rabello de, *A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 7Letras, 2004.
- Castro, Lucia Rabello de, *O futuro da infância e outros escritos*, Rio de Janeiro, 7Letras, Faperj, 2013.
- Chaves, Mariana; Segura, Ramiro; Speroni, Mariana; Cingolani, Josefina, "Interdependencias múltiples y asimetrías entre géneros en experiencias de movilidad cotidiana en el

- corredor sur de la Región Metropolitana de Buenos Aires (Argentina)", *Revista Transporte y Territorio*, Buenos Aires, Nº 16, 2017, pp. 41-67.
- Dimenstein, Magda; Zamora, Maria Helena; Vilhena, Junia de, "Da vida dos jovens nas favelas cariocas: drogas, violência e confinamento", *Revista do Departamento de Psicologia/UFF*, Vol. 16, Nº 1, 2004, pp. 23-40.
- Gough, Katherine, "Moving around: the social and spatial mobility of youth in Lusaka", *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography*, Vol. 90, Nº 3, 2008, pp. 243–255.
- Kuster, Eliana; Pechman, Robert. "Apresentação. Intolerância e solidariedade: o chamado da cidade", em Kuster, Eliana; Pechman, Robert (organizadores), *O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014a, pp. 11-15.
- Kuster, Eliana; Pechman, Robert, "Também sem a felí(z) cidade se vive: um panorama dos encontros e desencontros pelas ruas das cidades contemporâneas", em Kuster, Eliana; Pechman, Robert (organizadores), *O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014b, pp. 187-212.
- Lannes-Fernandes, Fernando, "Os jovens da favela: reflexões sobre controle e contenção sócio-espaical dos párias urbanos no Rio de Janeiro". *Convergencia*, Vol. 19, Nº 59, 2012, pp. 159-186.
- Nascimento, Carmen T. Brunel, *A casa, a rua, a escola: espaços de múltiplas práticas juvenis*, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2013.
- Saraví, Gonzalo, "Youth experience of urban inequality: space, class, and gender in Mexico", em Wyn, Johanna; Cahill, Helen (organizadoras.), *Handbook of childhood and youth*, Singapura, Springer, 2014, pp. 503-515.
- Skelton, Tracey, "Young people's urban im/mobilities: relationality and identity formation", *Urban Studies*, Vol. 50, Nº 3, 2013, pp. 467-483.
- Veloso, Sérgio; Santiago, Vinícius, *Ninguém entra, ninguém sai: mobilidade urbana e direito à cidade no Complexo do Alemão*, Rio de Janeiro, Fundação Heinrich Böll, 2017.